

## Santo Souza: um argonauta do nosso tempo<sup>1</sup>

Wagner Gonzaga Lemos<sup>2</sup>

215  


Na mitologia grega, os argonautas eram os tripulantes de Argo, a nau lançada no seio dos mares para buscar, em perigosa empreitada, o velo ou também chamado tosão de ouro. Na história clássica, o velo, capa feita da lã de um carneiro alado, possui propriedades de cura.

Se na mitologia, foi Jason quem conseguiu trazer o artefato, em nossa época, me permito a recriar e recriar e recriar a ficção. Atrevo-me a dar nas mãos de um menino de pele escura nascido há cem anos em Riachuelo a glória de carregar o velo de ouro, porém mais do que isso: ter nos envolvido nos fios dourados e nos embalado num cadente e forte ritmo de sua voz para os sonhos imortais. O que eu chamo nesta tarde de velo de ouro, Santo Souza chamava de sua Poesia. Com ela, um dos maiores poetas de nossa época nos inquietou, nos curou e nos trouxe a um horizonte maior do que antes podíamos contemplar. Na sua lira, Souza se fez o mediador entre este mundo de mortais e as clâmides, as mantas de estrelas, que ele trazia nas mãos.

Incentivado pela amiga, hoje de saudosa memória, Gizelda Moraes (1939-2015), conheci e pude prosear com Santo Souza. Gizelda tinha me dito que Souza era acessível, bastaria passar por lá para ouvir e ser ouvido. Assim, sob sua indicação, em maio de 2005, fui à casa do poeta, em Aracaju, na rua Rio Grande do Sul. Passamos horas a fio, desde a manhã até o meio da tarde, conversando cercados pelos livros que lotavam as

- 1 O texto aqui apresentado foi escrito originalmente para uma palestra que ministrei em fevereiro de 2019 para a abertura dos eventos da Academia de Letras de Aracaju e para comemorar o centenário de nascimento de Santo Souza. No mesmo ano, a Escola do Legislativo João Seixas Dória, convidou-me a fazer novamente a conferência sobre o poeta não apenas reiterando a efeméride do centenário, mas também numa referência ao Dia da Consciência Negra. Para esse evento, burilei o texto, fiz recortes e acréscimos, neste último caso, com destaque para um poema meu em que a lira se curvou à questão étnica.
- 2 Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), professor do Instituto Federal de Pernambuco e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. E-mail: wagnerlemos@yahoo.com.br

estantes sob as quais repousavam garrafas de vinho tinto, um misto de um templo para Calíope e para Baco.

Naquela oportunidade, passamos muito tempo a falar de espiritualidade; da história de Sergipe e do Brasil entrelaçada com a sua própria vida; de Maçonaria; da saudade do neto, também poeta, Roberto Mozart, de suas primeiras publicações ligadas ao Movimento Cultural de Sergipe e o mecenato de José Augusto Garcez, assim como pude ouvir entre o honrado e inebriado poemas que ele ainda não havia publicado. Não havia como estabelecer um valor para o fato de escutar na sua entonação em sua voz firme voz poemas inéditos.

Quem o conheceu deve ter ouvido dele, como fruto de suas crenças espirituais, a convicção que ele vinha de outras eras. Sendo mais claro, Souza, imbuído de espiritualidade, se afirmava reencarnado da época da antiga Grécia. Como Hamlet e Horácio, não entrarei no mérito entre o que existe ou não entre o céu e a terra. Mas vou dialogar com aquilo que é me possível executar: a materialidade de sua Poesia, que hoje nos é um legado.

É relevante pontuar que o poeta Souza se sentindo identificado com o eu-lírico de outros poetas da Antiguidade Clássica e com todas as narrativas que, segundo Michel Clermont, na obra *El Sentido Espiritual de los Mitos*, tentam explicar as inquietudes humanas. Nessa mescla de sentimento humano e carga metafísica, Santo Souza se encontrou com o passado e nos seus versos nos fez crer junto com ele nessa dimensão que estreitava Riachuelo e Atenas. No entanto, prefiro olhar para Santo Souza como um tradutor de nosso tempo, embora ele declarasse ser do pretérito.

Quando falamos de personalidades que marcaram uma época por terem tido uma significativa presença em nossa História, é bastante correto ouvir as pessoas caírem no deslize do senso comum e afirmarem “ela era uma mulher à frente do seu tempo” ou “ele era com certeza um homem à frente de sua época”. Nada mais equivocado, porém admito que é compreensível que as pessoas caiam nessa tentação e olhem para determinadas figuras de nossa História e queiram engrandecê-las e lancem sobre os ombros destas a responsabilidade de anunciarem um futuro.

É compreensível, uma vez que, como explicar de forma simples, fatos como o de Tobias Barreto, em 1869, debatendo o direito feminino à Educação, de forma contundente, dissesse para espanto de seus contemporâneos que a mulher possuía toda a capacidade intelectual que qualquer homem também tinha e que, poderia sem dúvida, superá-lo? Se hoje esse tipo de declaração causa tremor e cisma em alguns membros (infelizmente, numerosos) de uma sociedade misógina, racista, homofóbica, xenófoba, enfim, repleta de preconceitos de toda ordem, imagine-se na segunda metade do século XIX.



Mas, diferentemente do que pensa o senso comum, Tobias não era uma pessoa à frente de seu tempo. Pelo contrário, ele era uma resposta dura às coisas de seu tempo. Era um homem de pele escura, nascido no interior de uma província e que se tornou, pelo que me consta primeiro professor negro de ensino superior no Brasil<sup>3</sup>, e que tivera a sensibilidade de perceber-se ser grupo minoritário e mais do que isso: teve a coragem de se opor ao *status quo* e se manifestar. Opôs-se à opressão e perfilou ao lado de quem era, assim como ele, oprimido.

Contudo, o exemplo sobre nosso Tobias entra neste texto para lembrar que não existe nada e nem ninguém desvinculado de seu tempo. Souza, ao nos escrever seus versos, não estava na Grécia, ainda que esta estivesse representada por seus mitos, bem como os diálogos do seu eu-lírico com ela se entrelaçassem. Ele estava aqui, compromissado com as coisas de seu tempo, com uma cidade subterrânea (nome de seu primeiro livro) e que é uma metáfora para os espaços escondidos de nossa Psiquê. Ele estava aqui, na lida cotidiana da companhia de energia do estado, seu ganha pão, mas, simbolizando em Hiroshima as tenebrosas práticas humanas do período de exceção brasileiro. Ele estava aqui, com sua pele escura, usando o mar como metáfora de nossas muitas travessias na vida e de nossas adversidades, mesmo mar que trouxera para serem escravizados nesta terra aqueles de quem descendemos ele e eu, como evidencia a nossa pele negra.

Muito se publicou sobre Santo Souza, mas em textos esparsos: uma resenha ou uma breve nota, quando do lançamento de algum dos seus livros. Em geral, como no texto bíblico, um profeta não é reverenciado em sua casa. Muitas dessas publicações eram feitas fora de Sergipe por gente cuja sensibilidade e agudeza de espírito percebiam em nosso autor a grandeza.

Apesar de eu já ter declarado aqui que ninguém antevê e proclama o futuro, mas, sim, sua própria época, parece que o crítico literário Fausto Cunha (1923-2004) tinha dessas coisas de ver o tempo vindouro. Quando, em 1988, no Rio de Janeiro, escreveu sobre *A ode e o medo*, disse de forma singular e pertinente coisas que ainda cabem para nossos dias, sobretudo, em tempos de obscurantismo:

O Brasil é um país espantoso: governado pelos seus homens mais medíocres, que chegam ao poder ou à evidência mundana pela cegueira do acaso, dá-se ao luxo de manter no limbo alguns dos seus mais altos valores. Não só na poesia, mas também na música, na pintura, nas ciências humanas, no romance, no conto. (...) Santo Souza é um nome nacional, e não apenas sergipano. Para dizer o mínimo que me ocorre, sua

3 Graça Aranha foi aluno de Tobias Barreto na Faculdade de Direito do Recife e presenciou, na condição de calouro, o célebre concurso em que Tobias foi aprovado. Em seu livro de memórias, “Meu Próprio Romance”, Aranha narrou com maestria o episódio.

A ODE E O MEDO é um poema espantoso, que deveria convulsionar a nossa crítica literária neste momento particularmente difícil de nossa literatura (CUNHA, 1988).

Eu, que sou recifense de nascimento, mas radicado há quase três décadas em Sergipe, sinto falta de um apego maior às coisas desta terra. Não uma ideia de *sergipanidade*, termo ao qual sou, confesso, meio reticente, mas de um reconhecimento da cultura local, como uma das expressões da cultura nacional. Penso que manietar gente da estatura de Santo Souza, Alina Paim, Gizelda Moraes, Amando Fontes, Beatriz Nascimento, Núbia Marques, João Ribeiro, Sílvio Romero, Francisco Dantas, Tobias Barreto a uma vertente de literatura sergipana é pensar pequeno.

Faço notar que não se vê Alagoas tratando Graciliano Ramos ou Jorge de Lima como literatura alagoana, São Paulo também não amarra Mário de Andrade à literatura paulista, o Rio de Janeiro não canta Cecília Meireles como fluminense, nem Minas Gerais restringe Carlos Drummond a um posto de literatura mineira ou Pernambuco se contenta em dar a Manuel Bandeira uma cadeira apenas de literatura pernambucana. Todos querem, fazem e alardeiam seus autores como nacionais. Nós, sergipanos, assim falo, porque já me sinto como tal, parece que somos atingidos por um sentimento de modéstia excessiva ou coisa que o valha, pois não costumamos ombrear nossos autores e artistas aos demais do país. Se vamos ao Museu Histórico de Sergipe, em São Cristóvão, podemos nos perguntar: O que fica a dever, por exemplo, o quadro *Peri e Ceci*, do laranjeirense Horácio Hora (1853-1890) a qualquer tela de Almeida Júnior (1850-1899)?

Militância em favor de um autor ou artista se faz também estudando sua obra, produzindo sobre ela, fazendo-a conhecida, lendo e reverberando. Quando fiz mestrado em Letras na Universidade Federal de Sergipe, discuti a obra capital de Sílvio Romero, “História da Literatura Brasileira” (1888) e causei, por vezes, estranhamento em alguns colegas e em alguns docentes. Motivo: me dedicar ao crítico lagartense. Por outro lado, quando parti para o doutorado em Literatura Brasileira, na Universidade de São Paulo (USP), novamente trabalhando com Romero, porém discutindo outras perspectivas de sua atuação, não notei qualquer ressabio, uma vez que lá nas terras distantes se compreendia a altura de meu objeto de estudo. Para eles, assim como para mim, Sílvio Romero é patrimônio brasileiro.

É preciso rever nossos conceitos. Agimos, muitas vezes, de forma equivocada. Não digo que devemos deixar de lado os gentilicos *sergipano* ou *sergipense*, mas que devemos nos entender como uma representação de valor mais amplo, nacional. Ter consciência de nosso valor, de nossa história e curar a cegueira que nos faz deixar virarem ruínas as estátuas dos indígenas que simbolizam Sergipe no Parque Teófilo Dantas, a Praça da Catedral. Esses monumentos seriam reconstruídos com orçamento



bem mais acanhado do que nossos governos despendem nisso ou naquilo.

Entretanto, voltando para Santo Souza, é preciso dizer que, a despeito da qualidade de sua obra, a fortuna crítica sobre ele é bem restrita. Só dois trabalhos mais alentados foram feitos sobre o poeta de Riachuelo e já datam de um bom tempo. O primeiro deles escrito pelo multifacetado intelectual Jackson da Silva Lima, foi publicado em 1989, “O Poeta Santo Souza”. O outro veio sete anos depois, “Esboço para uma análise do significado da obra poética de Santo Souza”, de autoria de Gizelda Moraes. Gizelda, amiga que partiu desta esfera terrena em agosto de 2015, foi uma admiradora de primeira hora do homenageado.

Abro um parêntese e aproveito para destacar que em 2019, no mês de maio, Gizelda faria 80 anos. Ressaltar que esta essa efeméride merece também ser recordada por diversas razões: desde seu empenho na difusão da cultura de Sergipe, como em sua obra sobre Santo Souza, mas pelas atividades de criação da pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe, passando por sua prosa e poesia. A qualquer tempo é excelente celebrar que fez e faz Arte, sobretudo, em um tempo tão incerto.

Tratando, agora, da materialidade da Poesia de Santo Souza, é necessário dizer o quanto se vê nos seus versos a grande mescla de fontes em que sua leitura. Souza, que foi um autodidata, nos deixa impressionado pela grande teia de citações em que a intertextualidade transborda. A carga de mitologia que se revela na intensa presença de *deuses*, *sereias*, *mares* e outros elementos de raiz, mas que dialoga com elementos de fundamentos judaico-cristãos, como *anjós* ou a figura marcante das mãos pobres, vazias de pão, vazias de força e vazias de gesto de afago. Nessa ideia de ausências, representada por toda essa imagem de pobreza e além de uma busca por si mesmo, fica claro o parentesco literário com o poeta simbolista Cruz e Sousa (1861-1898), em “Litania dos Pobres”:

Os miseráveis, os rotos  
São as flores dos esgotos.

São espectros implacáveis  
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas  
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários  
Dos abismos tumultuários.

As sombras das sombras mortas,  
Cegos, a tatear nas portas.



Procurando o céu, aflitos  
E varando o céu de gritos.

Faróis à noite apagados  
Por ventos desesperados.

Inúteis, cansados braços  
Pedindo amor aos Espaços.

Mãos inquietas, estendidas  
Ao vão deserto das vidas.

Figuras que o Santo Ofício  
Condena a feroz suplício.

Arcas soltas ao nevoento  
Dilúvio do Esquecimento.  
(SOUSA, 2001, p.89)

Quando lemos os dois poetas, quase que podemos assumir a ideia de que um daqueles inquietos que participavam da “Litania” do Dante Negro, Cruz e Sousa, tomou voz solo, saiu do coro da ladainha e se fez anunciar como eu-lírico no soneto do sergipano:

Urna Fantástica:

Venho de longe... — Em minhas mãos queimadas  
Trago a cinza de céu crepusculares!  
Nos olhos, trago noites e alvoradas  
e, na alma, os sons da eterna voz dos mares.

Trago lírios de luz... Trago irisadas  
ondas de sóis, desfeitas em colares.  
E, aceso, o pálio azul das madrugada  
para cobrir os tronos e os altares.

Trago o silêncio! E a paz! E a luz que ondeia  
dentro dos astros — esses grãos de areia,  
orvalhados de névoa e de harmonias...



E urnas de sonhos, clâmides de estrelas,  
Trago-as de longe para oferecê-las  
a esses que vêm com as pobres mãos vazias!  
(SOUZA, 1989, p.45)

Eu aprecio em Santo Souza a força de sua seleção vocabular que nos traz uma sequência de imagens como as “clâmides de estrelas” (*elegia n° 16*), “ventos que sacodirão os alicerces já mortos da cidade” (*elegia n° 4*) ou ainda “Deus ameaça arrancar de nossas mãos a rosa das origens e deixar cair seu braço vingador nas águas agitadas” (*Chamada Geral de Pentáculo do Medo*), em que as grandiloquências o fazem dialogar com o Condoreirismo de Tobias Barreto e Castro Alves. Eu admiro, de igual modo, a sua capacidade reunir, nessa sua escolha vocabular, os mais inquietantes temas universais, tais como Medo, Angústia, Dúvida, Sofrimento e Morte. Nesse sentido, é que um dos meus textos preferidos de Souza é o conjunto de pouco mais de três dezenas de poemas, intitulado *Caderno de Elegias*. Nesse livro, publicado nos anos 50, o poeta traduz nossa transitoriedade, filosofa sobre o Sofrimento e a Morte, que é o nosso destino certo e irremediável; além nos provar, mais uma vez, a universalidade de sua Poesia. Sua *Elegia número 16* anuncia:

Criaram flores de existência efêmera,  
criaram noites e auroras nos caminhos,  
aquários musicais para a canção  
e estátuas para a vida e para a morte.

Criaram o teto do céu que sustentamos  
em colunas de estrelas e de mares  
e os rios que afagamos, derramando  
a poesia da vida em nossas mãos.

E criaram também rios insones  
que as nossas mãos jamais hão de acolher:  
criaram faces com sulcos para as lágrimas,  
pois havia corações para sofrer.

Mas sob o teto do céu que sustentamos  
nós somos flores de existência efêmera  
e – estátuas para a vida e para a morte –  
nos deram olhos humanos para o pranto!  
(SOUZA, 2001, p. 45)



Uma das coisas que mais fascina na arte da Poesia é que ela pode traduzir em distintas vertentes as mesmas inquietudes humanas com rara beleza. Como não sentir encantamento ao percebermos a mesma riqueza que ouvimos da Elegia 16 na poesia de cordel? O poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918) expressou também em versos Filosofia para nos falar sobre Dor, Sofrimento, Morte e Natureza humana.

Se eu conversasse com Deus  
Iria lhe perguntar:  
Por que é que sofremos tanto  
Quando se chega pra cá?  
Perguntaria também  
Como é que ele é feito  
Que não dorme, que não come  
E assim vive satisfeito.

Por que é que ele não fez  
A gente do mesmo jeito?  
Por que existem uns felizes  
E outros que sofrem tanto?  
Nascemos do mesmo jeito,  
Vivemos no mesmo canto.  
Quem foi temperar o choro  
E acabou salgando o pranto?  
(BARROS, 2019)

O que Santo Souza prefere chamar pela indeterminação do sujeito em “*criaram*”, o cordelista atribui a Deus, mas o que temos em ambos, em síntese, é a presença de uma ideia ligada a uma força criadora. Força essa que nos teria moldado para viver nesta terra, sustentar céus, lidar com a Dor, viver as agruras transformadas em lágrimas que derramamos em “pranto salgado”. Embarcamos numa nau em que reina o mais profundo desconhecimento dos porquês de nossa aflição. Para, no fim da viagem, nos desfazeremos como flores efêmeras que somos, já que não somos seres dotados das partículas de Eternidade daquele/daquilo que nos teria formado.

Ainda na linha do tema da efemeridade, *Caderno de Elegias* tem no poema de número 13, uma dedicatória à memória da mãe, tocando assim, num dos temas mais delicados que é o amor filial. A sensibilidade ganha forma na imagem do filho separado da mãe pela trincheira que foi aberta pela morte. Na construção imagética da visita diante da sepultura, temos um eu-lírico que se vê pequeno, impotente, solitário e desesperado.



Hoje eu vim falar contigo, e me debruço humilde  
sobre o teu corpo amarrotado de palavras e pétalas  
inúteis.  
Venho pobre de gestos e de flores  
e trago apenas um punhado de noite para derramar na tua  
[sepultura,  
para que a estrela que vem comigo aqui no coração  
[possa  
melhor acender as nossas agonias  
e transpor os rumores dos ventos que hoje vieram chorar  
[sobre o teu nome.  
Eu sei que outros aqui chegariam com grinaldas feitas de  
[pequeninas luzes,  
tentando alumiar tua memória solidária com a terra.  
Eu, no entanto, venho pobre de luzes e palavras.  
Trago-te apenas uma lágrima pura para iluminar a tua  
[solidão,  
e a dignidade de todos os caminhos livres deste mundo,  
para que possas vir escutar a música de minhas pobres  
mãos  
[desesperadas!

(SOUZA, 2001, p. 39)

Nesse texto, é pertinente registrar que o tom confessional do eu lírico manifesta abertamente aspectos de seu estado de espírito: “humilde”, “pobre”, “desesperado”. No entanto, lança sobre a figura materna, que já é matéria extinta, o que, na verdade, ele é quem sente: “corpo amarrotado de palavras e pétalas inúteis” não é sobre quem se foi, mas como ele se sente sem o acalanto materno. Dor que almeja superar com a estrela que traz no peito para acender, como ele admite, “as nossas agonias”. Ainda põe no outrem aquilo que é seu, quando diz “trago-te apenas uma lágrima pura para iluminar a tua solidão”. Uma solidão que é do eu lírico dilacerado pela morte da mãe e que, sem ela, clama por sua volta: “para que possas vir escutar a música de minhas pobres mãos desesperadas!”, traduzindo assim o desejo do materialmente impossível reencontro.



Trazendo de volta a questão de que falei no começo deste texto sobre o compromisso do poeta com seu tempo, relembro *Pássaro de Pedra e Sono*, com seu *Decreto número 13*:

Pescadores, camponeses, mineiros e tecelãs  
(condutores de cansaço, desespero e madrugadas);  
e operários – doadores de força, vida, agonia e suor para o cimento  
das soberbas  
construções, depois de muito lutar, depois de muito sofrer;

Considerando que a terra,  
na magia de seus atos  
transforma em frutos e seiva  
o sangue vivo dos homens;

Considerando que o vento,  
pastor das ondas do mar,  
e de todos os que lutam  
se quiserem respirar;

Considerando que os rios  
(o mundo livre dos peixes)  
são de todos que têm sede  
nesta dura escravidão;

Considerando que a noite  
(a semeadora de estrelas)  
é de todos que semeiam  
sementes e construções;

Considerando, por fim,  
que a lei diz textualmente  
no artigo primeiro e único:  
“quem não trabalha não come”.

Revestidos dos poderes  
que lhe confere a Lei 13,  
De maio de qualquer tempo,



aprovada pelo povo  
em assembleia,

Decretam:

Art. 1º - Fica abolida a miséria  
nos lares todos do mundo  
e os frutos vindos da terra  
serão para os que têm fome.

Art. 2º - Os ventos serão mantidos  
à altura das mãos humanas,  
como símbolos maduros  
da liberdade dos homens.

Art. 3º - Os rios serão o espelho  
que há de sempre refletir  
as cores arco-irisdadas  
da total felicidade.

Art. 4º - As noites serão o ventre  
na imensa fecundação  
da luz mansa do futuro,  
da redenção dos que sofrem.

§ único - Para sossego geral  
hoje serão fuzilados  
miséria, fome, opressão.  
fabricadores de guerra,  
empresários da desordem,  
pilotos negros da morte  
destruindo gerações,  
ódio, trustes, latifúndio  
- tudo e todos que ora vivem

Sugando as forças do mundo  
Bebendo o sangue do mundo.  
(SOUZA, 1964, p. 56)

É importantíssimo ressaltar que a semelhança que muitos reconhecem entre esses versos de nosso conterrâneo e o poema conhecidíssimo *Os Estatutos do Homem*, do amazonense Thiago de Mello, nem de longe paira numa possibilidade de nosso autor de Riachuelo ter de algum modo se inspirado no autor mais famoso. O poema de Souza foi escrito em 13 de maio de 1962 e publicado em janeiro de 1964, no livro *Pássaro de Pedra e Sono*. Já *Os Estatutos do Homem*, de Thiago de Mello, foi escrito em abril de 1964 e publicado em 1965, na obra *Faz escuro, mas eu canto*, o que dá a Souza inquestionável precedência.

Ainda em *Pássaro de Pedra e Sono*, me encaminho ao poema *Hiroshima*. Na cidade japonesa, por meio da referência ao crime de guerra, Souza nos alerta para o temor à barbárie que ele transfigura em “caminhos pisados pela agonia de suas crianças assassinadas”, onde latejam mortos sob o chão que as trevas desses tempos buscam esconder, tentando também abafar o que de nós é ternura, pois é tempo de pedra, cinza e agonia.



Desde então Hiroshima caminha  
levando nos olhos o clarão  
de seus mortos acesos debaixo do chão,  
enquanto a noite tenta esconder  
a ternura de nossas vozes inumeráveis  
e os ventos apagam nos caminhos  
a marca de nossos pés avançando  
sobre o orvalho da manhã.

(SOUZA, 1964)

Nesse texto, prefiro me abraçar às imagens dos ventos, que nos remetem à ideia de liberdade, à simbologia de pés que avançam, mas, sobretudo, à largueza da representação de orvalho como símbolo de novo dia, de novos tempos a se fazerem entre nós. Para que saíssemos do poema com essa sensação, não foi sem propósito, que o autor fixou essas representações no arremate dos versos. E assim lembremos sempre: liberdade, avanço e novos tempos.

Sob a hoste da poesia de Santo Souza, a ideia de avanço e a consciência de uma poesia comprometida com o tempo presente, recitei na defesa do meu doutorado um poema que escrevera na antevéspera e me tornei, em certa medida, um daqueles a poeta negro envolveu na sua Lira e fez embarcar em sua nau:

### De um negro universo

Trago em minhas mãos um punhado de estrelas.  
Carrego no alforje a cor do sangue que escorreu  
[nas frestas do navio negreiro  
Sobre os ombros sinto o peso dos olhares de opróbrio  
[dedicado à noite gravada na minha pele,  
Mas levanto a cerviz com a força daquele  
[que se descobriu negro forro  
Daquele a quem importa mais o voo do que o rastejar  
E que para si tomou o poder de narrar a própria história.

227



Trago nas mãos os feixes de luz de livros e sonhos  
[daqueles que não puderam caminhar até onde  
andei.  
Venho com o pulsar de uma alma aberta,  
Mas não esqueço a firmeza do açoite  
E me construo mais forte do que a covarde mão.  
Trago comigo nas mãos escuras os espinhos e as  
lágrimas,  
Mas também transporto as flores e as sementes  
Que representam aqueles que em mim criam a força para  
lutar.

(LEMOS, Wagner. 2019)

O que eu espero é que a poesia de Santo Souza continue a nos inspirar para que estejamos, como no poema *Noite no cais de Aracaju*: “*com o pó da luz das estrelas/ brincando dentro dos olhos/e uma Aracaju mais humana chorando dentro do peito!*”, mas uma Aracaju, que não é apenas este lugar, mas também a nossa Psiquê, e estejamos a desvelar nossas próprias cidades subterrâneas.

## *Referências bibliográficas*

ARANHA, Graça. **Meu próprio romance**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931.

BARROS, Leandro Gomes de. **O Mal e o Sofrimento**. Disponível no endereço eletrônico <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro\\_cordel.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_cordel.html)> acessado em 15 de janeiro de 2019.

CLERMONT, Michel. **El sentido espiritual de los mitos**. Olaneta: Barcelona, 2013.

LEMONS, Wagner. **De um negro universo**. Disponível no endereço eletrônico <[https://www.instagram.com/p/B5f3Y6ahnuZCdaxabk02hEq\\_-pV7DQJFO-ZD14M0/](https://www.instagram.com/p/B5f3Y6ahnuZCdaxabk02hEq_-pV7DQJFO-ZD14M0/)> publicado em 27 de setembro de 2019.

LIMA, Jackson da Silva. **O poeta Santo Souza**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe/Fundação Augusto Franco, 1989.

MELLO, Thiago de. **Faz escuro mas eu canto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MORAIS, Gizelda Santana. **Esboço para uma análise do significado da obra poética de Santo Souza**. S/ed. Aracaju, 1996.

SOUSA, Cruz. **Os melhores poemas de Cruz e Sousa**. Rio de Janeiro: Global, 2001.

SOUZA, Santo. **Obra escolhida**. Recife: Fundação Augusto Franco/Sociedade Editorial de Sergipe, 1989.

\_\_\_\_\_. **Cidade subterrânea**. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1953.

\_\_\_\_\_. **Pássaro de Pedra e Sono**. Aracaju: Livraria Regina/Movimento Cultural de Sergipe, 1964.

